

Resumo: A reinserção sócio-laboral é um factor predominante num processo de tratamento de uma toxicodependência, porém não deve ser feito anarquicamente, é necessário preparar o indivíduo para o desempenho responsável de uma tarefa e acompanhá-lo posteriormente na sua execução.

O projecto apresentado descreve uma experiência de reinserção levada a cabo pelo CAT de Santarém com o apoio de algumas estruturas da comunidade local.

Palavras-chave: vazio; identidade; reinserção; preparação; acompanhamento.

Résumé: La réinsertion socio-laboral est un facteur predominant, dans le cadre du traitement des toxicomanes; neanmoins, il ne peut pas être conduit d'une manière anarchique; il faut préparer le sujet pour l'accomplissement responsable d'une tâche, par le biais d'un suivi lors de son exécution.

Le projet que l'on présent maintenant, met en lumière une expérience de réinsertion menée par le CAT de Santarém, avec le soutien de quelques structures locales de la communauté.

Mots-Clé: manque; identité; réinsertion; préparation; accomplissement.

Abstract: Social-labour rehabilitation is a main factor on a drug addiction treatment process. Nevertheless, it must not be done in an anarchic way. It is necessary to prepare the patient for a responsible carry out of an assignment and accompany him during its performance. This project describes a rehabilitation experience carried out by Santarém Care Centre for Drug Addicts with the support of some local community structures.

Keywords: empty; identity; rehabilitation; preparation; follow up.

Promoção da Autonomia e Inserção Social. Uma experiência de reinserção sócio-laboral de toxicodependentes

Ana Branco

"O principal obstáculo é o conceito de normalidade, de semelhança a outrem que, insensivelmente invade tudo e remete o sujeito para o seu isolamento, dividido entre a consciência de uma realidade exterior tumultuosa e exigente e uma realidade interior não menos tumultuosa e ainda mais angustiante..."

Claude Olievenstein in Le destin du toxicomane

Quando tomamos consciência do que é verdadeiramente uma toxicodependência, apercebemo-nos que tentar tratar um indivíduo dependente, ajudá-lo a aprender a viver é iniciar uma grande e longa aventura. Não se trata somente de o ajudar a parar consumos. O processo de tratamento não pode visar simplesmente o controlo ou anulação do "sintoma droga".

É necessário definir com o doente uma estratégia a longo prazo que o ajude, entre outras coisas, a ultrapassar a sua dependência psicológica, ajudá-lo a ver o que significa a "falta" que sente, acompanhá-lo na "falta" e prepará-lo para este seguimento.

Falamos de "falta" e acompanhamento na "falta" mas trata-se de algo mais complexo.

A "falta" não é uma doença, mas sim uma organização psicológica que define o toxicodependente. Poderíamos descrevê-la desta forma: existe um "vazio", a primeira falta; existe a droga que o preenche provisoriamente; e depois a falta de droga que é como uma "metáfora do vazio" nas palavras de Claude Olievenstein.

Segundo este autor o projecto terapêutico "terá de ter em conta o sujeito, a droga e o vazio que é o motor deste dueto..."

Num primeiro tempo trata-se de substituir este dueto por outro, a relação terapêutica. Num segundo tempo, e após se obter um equilíbrio, é necessário ajudar o sujeito a descobrir novos interesses e novos prazeres para finalmente poder trabalhar com ele a organização progressiva da sua independência.

Este esquema requer do sujeito que ele acabe com a sua "adolescência", que saia do sistema bloqueado e

suicidário a prazo onde se fechou, e se torne adulto. É desejável para isso que ele adquira os meios necessários que lhe permitam fazer alguns compromissos, mesmo que ele nunca esqueça a plenitude que o "produto" oferecia.

Este esquema exige também que o terapeuta possa de uma forma satisfatória ajudá-lo a preencher esse vazio, muito embora não seja uma tarefa fácil se tivermos em conta o carácter arcaico dessa ferida.

Mas "se o vazio não nasceu com o indivíduo", segundo Olievenstein, "e foi produzido a um dado momento da sua história, porque é que não o podemos modificar, pelo menos parcialmente? A droga preenche-o bem ou mesmo totalmente... Aquilo que um pouco de "pó" inerte pode fazer, porque é que outras intervenções pessoais, a começar pela do terapeuta, não o poderão também...". A aventura em que nos lançamos ao ajudar o toxicod dependente é também a do sofrimento do indivíduo "desintoxicado". O seu corpo e o seu psíquico gritam por socorro num desespero sem fim. Nesta fase o sujeito dependente é o mais nu dos homens, destituído da sua identidade.

O vazio do seu estatuto social e a realidade externa levam-no a querer transformar-se, apesar do seu psíquico o designar como isolado e estranho a tudo o que é exterior a ele mesmo, como refere Luís, 34 anos, dos quais 19 foram de consumo de substâncias tóxicas diversas após uma das suas desintoxicações "sinto-me como uma criança que não conhece os códigos culturais e agora tem de reaprender tudo" ou Maria, 27 anos, referindo-se a si mesma como "uma extraterrestre que não chegou a abandonar o seu planeta, embora este lhe seja completamente desconhecido".

A partir da desintoxicação, e mais do que nunca, é a identidade do toxicod dependente que lhe foge e lhe escapa.

A inserção laboral surge assim como um elemento importante na construção dessa identidade perdida ou nunca vivida.

O trabalho constitui um factor de reintegração social vital, que vai permitir ao toxicod dependente uma autonomização desejável e uma projecção do futuro necessária. Este serve de suporte apoiando-se na prevenção da recaída pois dá consistência ao projecto de autonomização, funcionando ao mesmo tempo como balizador de um caminho a seguir.

Porém a realidade social não facilita esta tarefa. O desemprego, a competitividade, os níveis de formação exigidos associados ao baixo nível escolar desta população e ao desinteresse da comunidade relativamente à reinserção social do toxicod dependente são condicionantes com que nos deparamos diariamente.

A vivência laboral do toxicod dependente, onde o trabalho é investido como meio de obtenção de um rendimento que é canalizado para o consumo de drogas também não facilita uma inserção social harmoniosa. Observamos normalmente um desinteresse pela actividade exercida, bem como uma ausência de responsabilidade, que por vezes coexistem com um sonho de realização pessoal na maioria das vezes utópico, inconsistente e impossível.

O trabalho é investido inicialmente como algo de mágico, onnipotente, capaz de resolver todos os problemas recorrentes da toxicod dependência e mais que isso, capaz de preencher o "vazio". Posteriormente acaba por ser sentido como frustrante por não dar de imediato aquilo a que o sujeito aspira, surgindo por isso sucessivas mudanças de emprego ou mesmo desistência total. Face a esta problemática complexa parece-nos importante que seja feita uma reinserção progressiva do indivíduo dependente, que passe num primeiro tempo por uma preparação para a actividade laboral e finalmente por um acompanhamento no desempenho da mesma. Foi com esse objectivo que o Centro de Atendimento a Toxicod dependentes de Santarém, em conjunto com a Associação Jovens do Ribatejo, instituição particular de solidariedade social e o Instituto de Reinserção Social apresentaram em 1998 no âmbito do Programa Quadro Reinsereir do Projecto Vida um projecto de reinserção social denominado "Promoção da Autonomia e Inserção Social" (PAIS).

O projecto teve como entidades parceiras o Instituto de Emprego e Formação Profissional responsável pela orientação e encaminhamento laboral, e a Câmara Municipal de Santarém através da disponibilização das instalações necessárias à prática de actividades desportivas. Este projecto, para além de visar a reinserção sócio-laboral dos toxicod dependentes permitindo-lhes desenvolver alguma autonomia face à família e às instituições teve diferentes objectivos intermédios: desenvolver capacidades pessoais e profissionais nos participantes

ajudando-os a saber tomar decisões, a executar uma tarefa com princípio, meio e fim, orientando-os de forma a saberem resolver conflitos com os pares ou com uma hierarquia profissional diferenciada. Transmitir regras básicas relativas ao desempenho de uma tarefa, tais como ser responsável no cumprimento de horários, ser assíduo, mostrar empenho e persistência na execução de uma tarefa. Transmitir algumas normas de convivência em grupo tais como o respeito pela diferença de opiniões, a tolerância e aceitação de críticas, saber escutar os outros, saber pedir ajuda ou ajudar outrem.

Foi nossa intenção promover o envolvimento das instituições participantes, consciencializando-as para o facto de que todos temos um papel na reinserção do toxicodependente e que este não é um problema que diga apenas respeito às instituições de saúde. Neste contexto tornou-se necessário desmistificar ideias pré-concebidas sobre o toxicodependente "arrumador de carros", "ladrão", "incapaz", "portador de doenças".

O projecto P.A.I.S. destinou-se a toxicodependentes em seguimento no C.A.T., desempregados há mais de um ano e com um elevado défice de aptidões sociais, beneficiando aqueles que mais dificuldades teriam no acesso ao mercado de trabalho. Decorreu durante o ano de 1999 e envolveu dois grupos, num total de vinte e um utentes. Cada grupo esteve envolvido nas acções durante um período de sete meses e meio, sendo as primeiras seis semanas de preparação para a actividade laboral e os restantes seis meses um estágio em empresas ou serviços.

A primeira fase, de preparação laboral, era constituída por uma actividade que designámos de socialização, espaço onde foram trabalhadas algumas das dificuldades sociais de cada um e do grupo em geral. Esta actividade tinha por objectivo melhorar o auto-conceito do indivíduo, reduzir a sua ansiedade nas situações sociais e melhorar as suas aptidões sociais. Foram utilizadas técnicas de dinâmica de grupo (técnicas de aquecimento, criativas, indutoras, de modelagem, de "rôle-playing" entre outras) que permitiram ao grupo abordar as suas dificuldades de uma forma activa e simultaneamente lúdica. O momento de reflexão que se seguiu a cada uma das actividades permitiu aos elementos do grupo verbalizarem as dificuldades e emoções sentidas e tomarem consciência de outras. No final de algumas

sessões, e quando julgado necessário pelos técnicos, foram utilizadas técnicas de relaxamento.

A expressão dramática foi também uma das actividades escolhidas para abordar situações consideradas normalmente problemáticas como a expressão de sentimentos, a exposição ao grupo, o falar em público.

As actividades desportivas permitiram a cada um melhorar a resistência física de um corpo debilitado e favorecer um olhar diferente sobre si. Permitiram também a aprendizagem do trabalho em equipa, a aceitação de regras e, em simultâneo, o retomar de actividades há muito esquecidas ou nunca praticadas.

Estas actividades foram orientadas respectivamente por dois psicólogos, uma terapeuta ocupacional, uma monitora de teatro e um professor de educação física.

No decurso desta fase de preparação os utentes foram entrevistados por um técnico de emprego do IEFP com a finalidade de conhecer o percurso profissional de cada um e o tipo de actividade que gostariam de exercer.

O estágio laboral constituiu a segunda fase do projecto. Após prospecção do mercado de emprego, feita pelo IEFP, o técnico de emprego em conjunto com a técnica de serviço social do CAT, contactaram as empresas e sensibilizaram-nas para a problemática da reinserção laboral dos toxicodependentes. O facto destes candidatos usufruírem de bolsas de reinserção (o estágio é pago na íntegra pelo projecto não havendo encargos por parte da empresa com o estagiário) constituiu um elemento facilitador para a aceitação dos utentes por parte das empresas participantes.

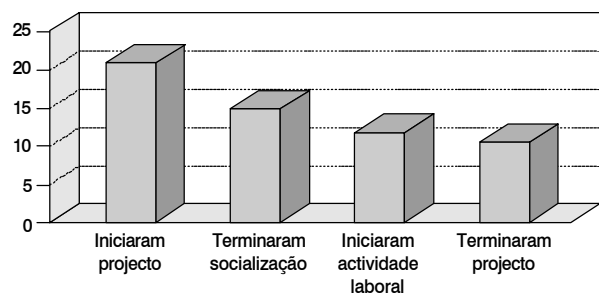
No primeiro contacto com as entidades empregadoras foi designado um tutor responsável pela orientação do estagiário. Foram-lhe dadas algumas informações sobre a personalidade do toxicodependente e a forma como lidar com o mesmo.

Durante o estágio foi feito o acompanhamento da evolução da situação através de visitas bimensais às entidades empregadoras efectuadas por uma técnica de serviço social e uma terapeuta ocupacional.

Com a mesma regularidade foram feitas reuniões de avaliação no CAT com o grupo dos estagiários onde foram discutidas e trabalhadas as dificuldades sentidas.

O projecto terminou a 31 de Dezembro e a maioria dos utentes que completaram o estágio, vão permanecer nas empresas onde estavam, ao abrigo do recém criado

Avaliação PAIS



programa "Vida Emprego", o que denota uma satisfação evidente por parte das entidades empregadoras. Iniciaram o programa, como se pode observar acima, 21 pessoas de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos. Em média estavam desempregados há mais de 2 anos e tinham consumos de heroína há cerca de 7 anos. Neste grupo existiam indivíduos com situações sociais de marginalização graves (arrumadores de carros, prostituição, infectados com HIV, sem abrigo).

Na fase de socialização os abandonos ou exclusões ficaram-se a dever essencialmente à manutenção de consumos, ou recaídas, levando a um não cumprimento das regras do projecto. Existiram também situações de indivíduos que terminaram a fase de preparação e que por decisão conjunta dos técnicos e dos próprios não iniciaram a actividade laboral por não se encontrarem aptos a desempenhar uma tarefa.

Apenas dois indivíduos não concluíram o período de estágio nas empresas, um por recaída e outro por desistência e alteração no projecto terapêutico.

Observamos assim que terminaram o projecto 48% dos participantes o que consideramos ser um resultado satisfatório, tendo em conta o grave deficit social da população seleccionada, como já foi referido anteriormente.

A maioria dos elementos participantes no projecto funcionava de um modo anti-social há já alguns anos, não fazendo a mínima ideia do que pode ser uma vida profissional.

Nestas situações a tarefa era difícil e teria sido mais simples de a assumir no contexto de um programa em comunidade terapêutica, mas um número significativo de doentes recusou-o por razões diversas. Estes doentes necessitavam ultrapassar algumas etapas que não passavam em primeiro lugar pela inserção no

mundo do trabalho mas sim por uma ressocialização. Esta tarefa de ressocializar e preparar minimamente para o trabalho não é possível efectuar-se, em situações desta natureza, em apenas 7 semanas.

Aí residiu talvez o maior problema encontrado neste programa, ou seja: querer dar uma oportunidade a quem se encontrava mais desinserido socialmente sabendo, paradoxalmente, que seriam esses que menos usufruíam em pleno de um programa desta natureza.

Apesar de termos consciência desta situação mantivemos a nossa opção, talvez à espera quem sabe, de um resultado "mágico", ou tão simplesmente abertos ao espanto. A. Fonseca prefaciando o livro "Vestígios de espanto" do psicólogo americano John Keith Wood dizia "O espanto é um sintoma de vida. Parece ser essencial cuidar com carinho da - já difícil - condição de nós próprios que permite a sua possibilidade. A possibilidade do espanto. Do espanto com a imprevisível e incontrolável outridade, diferença de nós próprios; e com a diversidade da outridade, que aparentemente vem de fora de nós, do mundo, que continuamente nos resgata do inexorável e progressivamente tóxico império da mesmidade".

Apesar de querermos acreditar na capacidade de cada um nos poder espantar entendemos que a complexidade da problemática da toxicoddependência implica contudo uma preparação progressiva de grande parte dos indivíduos para o desempenho de uma tarefa e numa fase inicial de um trabalho semi-protegido. É fundamental também avaliar correctamente num processo de tratamento o momento indicado para iniciar a inserção laboral do doente de forma a maximizar esta intervenção e evitar consequentes sentimentos de incapacidade, descrédito e frustração por parte dos intervenientes. ■

Ana Branco
Psicóloga Clínica CAT de Santarém
Largo Manuel António Neves, 4
2000 Santarém

Bibliografia

OLIEVENSTEIN, Claude. *Le destin du toxicomane*. Éditions Fayard, Paris, 1983.

WOOD, John Keith. *Vestígios de espanto*. Edições Ágora, S. Paulo, 1983.